



acervo

roteiros de visita

apresentação

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) foi criado em 1963, quando a Universidade de São Paulo recebeu de Francisco Matarazzo Sobrinho, Ciccillo, então presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o acervo que constituía o MAM SP. Além desse acervo transferido para a USP, Matarazzo e sua mulher, Yolanda Penteadó, doaram ao novo museu suas coleções particulares, às quais se somaram aquelas efetuadas pela Fundação Nelson Rockefeller e os prêmios das Bienais Internacionais de São Paulo.

Hoje o MAC USP possui mais de 8 mil obras entre pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, esculturas, objetos, instalações e trabalhos conceituais, constituindo um importante acervo de arte moderna e contemporânea, relevante patrimônio cultural na América Latina.

Como museu universitário, o MAC USP é um local de pesquisa, de formação educacional e de produção de conhecimento. Além das exposições, oferece diversas atividades e serviços como disciplinas

optativas, cursos de extensão cultural, ateliês, visitas orientadas, site na internet e biblioteca especializada. A Divisão Técnico - Científica de Educação e Arte (DTCEA) concentra sua atuação no desenvolvimento de materiais educativos, na formação de monitores, na organização de exposições didáticas, em programas para públicos diversos, cursos à comunidade e em publicações que têm como objetivo geral favorecer um contato mais efetivo entre a obra e público visitante, especialmente professores e estudantes.

Dentro dessa proposta e com o patrocínio da Fundação Vitae, a equipe de educadores produziu o Acervo: Roteiros de Visita. Esse material propicia aos pesquisadores, professores e alunos recursos preparatórios e avaliativos de visitas ao museu universitário. Valoriza a idéia de museu também como "sala de aula", dinamizando processos criativos e a interatividade nas áreas do conhecimento.

Elza Ajzenberg
Diretora do MAC USP

Colega professor/a,

Nos últimos anos os museus afirmaram-se como espaços de educação essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Cabe aos educadores de museus desenvolver recursos que intensifiquem a utilização desse potencial educativo privilegiado. No caso específico do ensino de arte, o contato com as obras originais é insubstituível.

Desde 1984 - ano em que começa a ser estruturado o setor de Arte-Educação do MAC USP, hoje Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte - temos desenvolvido formas de abordagens pedagógicas da arte e colaborado com a formação do público de arte contemporânea.

Acervo: Roteiros de Visita foi criado com o objetivo de estimular a proximidade de professores e alunos com as obras do acervo do MAC USP, por meio de recursos que auxiliem no planejamento, no aproveitamento e no desdobramento das visitas ao museu. Pretendemos com o uso deste material didático que você se sinta mais confortável e com

maior autonomia ao percorrer as exposições do MAC USP com os seus alunos.

Cada ficha, como esta, é acompanhada pela reprodução de uma das 50 obras do acervo do MAC USP selecionadas para compor este material. Os critérios para a escolha das obras foram a sua relevância dentro de um determinado panorama da arte do século XX e a sua recorrente seleção pelas curadorias do museu, garantindo que este material possa, de fato, ser utilizado em paralelo às exposições.

Os conteúdos são abordados de modo a incentivar a postura de professor pesquisador. Queremos trocar experiências, acreditando que juntos poderemos aprimorar nossa práxis educacional e cultivar valores necessários à sociedade contemporânea.

Bom trabalho!

Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte

De origem italiana humilde, Alfredo Volpi chega ao Brasil com dois anos de idade e na adolescência começa a trabalhar como pintor-decorador de paredes. Desde então, manifesta uma pintura dotada de um procedimento artesanal cuidadoso, que irá se manter ao longo de toda sua trajetória artística.

Autodidata e à margem da movimentação modernista decorrente da Semana de 1922, Volpi elabora sua pintura a partir da observação atenta de cenas de gênero (família, trabalho, cotidiano simples dos arredores de São Paulo) e de paisagens, resultando em uma poética intuitiva e de linguagem simplificada, decorrente de seu autodidatismo.

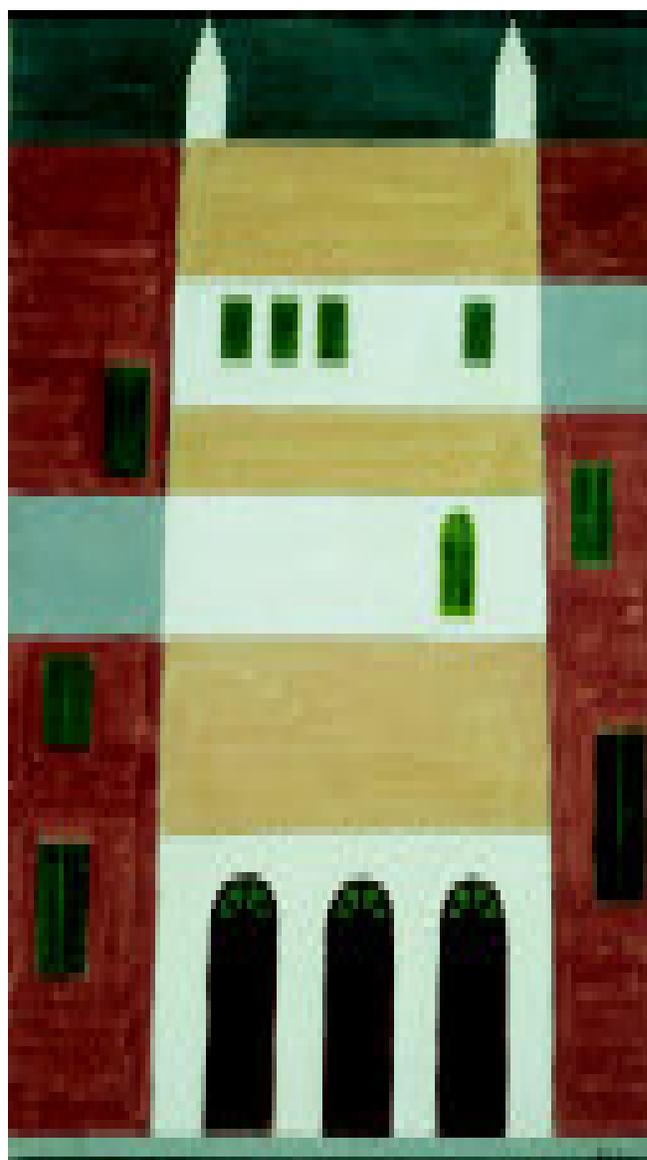
É a partir de sua proximidade com os artistas do Palacete Santa Helena¹, e da formação da **Família Artística Paulista** em 1937, que Volpi entra em contato com a arte moderna italiana influenciada pelas pesquisas de Paul Cézanne e pela metafísica, e com a obra de Ernesto De Fiori que irão influenciá-lo. Passa a compreender que a qualidade da pintura está, como afirmava, em "resolver o quadro". "A pintura, para Volpi, parece ter sido desde o início uma prática que não podia ter outra função a não ser a de resolver problemas de pintura. [...] Pintar é resolver questões de forma, linha e cor dentro da superfície retangular da tela - todo o resto é irrelevante."² Sua primeira exposição individual, em 1944, evidencia o percurso traçado pelo pintor em busca do domínio das cores para atingir a harmonia entre as formas que compõem suas imagens e o modo inteligente como soube traduzir as influências recebidas.

"O plasticismo italiano concorre com a cor matissiana para criar um novo universo estilístico, que será um ponto de chegada para a pesquisa de Volpi. É significativo, porém, que a cristalização desse universo se dê num campo delimitado pela pintura popular" afirma o teórico Lorenzo Mammì em sua análise da obra do artista.³ A crítica daquele momento o compreende como um artista promissor.

Como um artesão imerso em seu ofício, Volpi produz suas próprias têmperas e faz surgir, na superfície das telas, casarios e fachadas marcados pelo gesto cuidadoso das pinceladas que preenchem as formas sensivelmente geometrizadas. Gradativamente sua pintura deixa de sugerir a ilusão de profundidade e toda a composição passa a se realizar num primeiro plano.

Em 1950, tem a oportunidade de ver na Itália mestres pré-renascentistas como Giotto e Margarito d'Arezzo. Nas imagens frontais realizadas a têmpera e nos antigos painéis italianos, Volpi confirma as possibilidades poéticas que com maestria saberá interpretar nas séries de imagens sacras das décadas de 1950 e 1960.

O reconhecimento de sua obra inicia-se com o Prêmio de Pintura Nacional que divide com DI CAVALCANTI na II Bienal do MAM de São Paulo, em 1954, por influência



do crítico inglês Herbert Read. A agitação cultural provocada pelas bienais, com a decorrente assimilação das vanguardas européias, como a abstração geométrica e a arte concreta, iriam transformar o gosto do público e a arte brasileira. Esta transformação também se percebe na produção de Volpi. "[...] Mar e céu desaparecem em simples faixas coloridas, telhados viram simples triângulos, ladeiras e ruas são lisas formas retangulares em diagonal, portas e janelas se reduzem a retângulos e quadrados [...]", verifica Mário Pedrosa no final dos anos 1950.⁴

A síntese de elementos alcançada por Volpi em suas composições a partir de formas como casarios, fachadas, bandeirinhas, mastros e barcos à vela, proporcionam à arte moderna brasileira uma dimensão de estilo inconfundível.

1 O Palacete, hoje destruído, era situado na Praça da Sé. Além de Volpi, os artistas que tinham seus escritórios-ateliês no local eram: Francisco Rabolo Gonsales, Mário Zanini, Manoel Martins, Fulvio Pennachi, Humberto Rosa, Aldo Bonadei - por curto período de tempo -, Clóvis Graciano e Alfredo Rullo Rizzoti. Os artistas não atuavam como grupo; foi a crítica de arte que, posteriormente, os denominou como Grupo Santa Helena.

2 MAMMÌ, 1999, p. 7-8.

3 MAMMÌ, 1999, p. 27.

4 PEDROSA, 1981, p. 57.

Casas, 1953

têmpera sobre tela

80,4 x 46,2 cm

Doação MAMSP

Casas, de 1953, obra responsável pelo prêmio concedido a Volpi na II Bienal do MAM de São Paulo, demonstra a maturidade do pintor, anunciando a passagem para seu período construtivo.

Uma grande fachada ergue-se sobre estreita faixa cinza. Sua parte central, entrecortada por faixas horizontais e mais clara que as laterais, está marcada pela presença de três portas alongadas e encimada por duas pequenas torres que tocam com suas pontas o limite superior da tela. Linhas imprecisas formam-se na passagem de uma cor à outra, denotando a sutil assimetria da composição, reforçada pelo jogo de posições irregulares das janelas.

O processo criativo do pintor envolve imagens derivadas de sua memória visual povoada de informações que utiliza e reutiliza num jogo compositivo pleno de criatividade. "Para Volpi, [...], estes elementos que incorpora a suas variações compositivas, de preocupação de ordem cromática, são como memórias familiares que permanecem ao alcance de sua visualidade, que remaneja em exercícios infundáveis, como em labor, isto sim, de artífice que mantém intacta a possibilidade de desenvolver sua 'fantasia' a partir da 'imitação' das coisas que o rodeiam - e o afetam, por seu interesse plástico-visual, tornando-se objeto de sua seleção para fins criativos." ¹

Desse modo, Alfredo Volpi procede na elaboração de um vocabulário formal e cromático cada vez mais refinado, exemplificado nas 24 obras pertencentes ao acervo do museu. Paisagens, figuras sacras e obras do período construtivo, confirmam que sua visualidade poética é "[...] uma arte de invenção, uma lição de refinamento plástico-visual em pintura, a exigir de nosso olhar uma releitura a partir deste fragmento de seu processo." ²

aproximações

Professor/a, tendo em vista o percurso poético de Alfredo Volpi, organize as seguintes atividades:

Escolha um local nos arredores da escola, onde os alunos possam observar aspectos da natureza. Organize materiais como pranchetas, papéis, lápis, tintas, pincéis e potes com tampa para água.

Dirijam-se ao local escolhido, peça que os alunos observem calmamente a vista e registrem os aspectos naturais que mais lhes chamam a atenção, com os materiais selecionados.

De volta à escola, apreciem os trabalhos desenvolvidos e apresente reproduções de paisagens produzidas por Volpi entre os anos 1930 e 1940, presentes na coleção do MAC USP e reproduzidas em livros e catálogos listados na bibliografia.

Numa próxima etapa de trabalho, retornem ao local anteriormente observado e procurem focar o olhar em elementos arquitetônicos. Oriente para que o referencial externo sirva apenas como motivação para suas composições. Sugira que simplifiquem as formas, geometrizando-as, utilizando os diferentes recursos gráficos e pictóricos disponíveis.

Em seguida, observe com o grupo a obra **Casas**, de 1953, do período em que o artista desenvolve pinturas que enfatizam a simplificação e a geometrização das formas em suas composições.

Dê continuidade ao estudo do artista conversando sobre as diferenças percebidas entre a produção de Volpi das décadas de 1930 e 1940 e a obra de 1953.

Volpi preparava suas próprias tintas, sendo a têmpera uma de suas técnicas de predileção. Para promover a compreensão de alguns aspectos da obra do artista a partir da manufatura de seus trabalhos, proponha aos seus alunos a preparação de uma receita adaptada de têmpera ovo:

Ingredientes para têmpera ovo

1 gema (a fim de evitar odores, faça um corte com algo pontiagudo e pince a membrana que envolve a gema até tirá-la)

½ medida da casca do ovo utilizado de água (destilada, fervida ou filtrada) para misturar à gema

4 gotas de fungicida (podem ser usados: vinagre branco, desinfetante ou óleo de lavanda) Pigmentos de várias cores (um substituto barato pode ser encontrado em lojas de material de construção). A quantidade necessária vai depender da qualidade do pigmento utilizado.

1 medida da casca do ovo utilizado de água (destilada, fervida ou filtrada) para misturar ao pigmento

Modo de Fazer

Coloque a gema em um pote e acrescente vagarosamente a ½ medida de água, batendo sempre. Utilizando um conta-gotas, pingue nesta mistura as gotinhas de fungicida (vinagre branco, desinfetante ou de óleo de lavanda).

Em outro recipiente misture, aos poucos, pequenas porções de pigmento com água, até obter uma pasta colorida e espessa. Reserve.

Finalizando, adicione a mistura de ovo com água, em pequenas quantidades à pasta colorida, até que se adquira uma consistência semelhante a densidade de um mingau de maisena. Deixe descansar, até que a água evapore. Em seguida, use o preparado para fazer uma pintura.

Durante a preparação da tinta e ao utilizá-la converse com os alunos sobre as impressões geradas nesse fazer. No museu, observem a obra **Casas** e retomem as características da têmpera vivenciadas: pouca elasticidade (se comparada às tintas a base de óleo), rápida secagem, definição da pincelada).

Para melhor compreensão do texto de contextualização pesquise: Família Artística Paulista.

¹ Aracy Amaral, "Volpi: construção e reducionismo sob a luz dos trópicos", in *Fundação Bienal de São Paulo, XXIV Bienal de São Paulo: núcleo histórico: antropofagia e histórias de canibalismos*, 1998, v. 1, p. 375.

² *Idem, ibidem*, p. 378.

Professor/a, **Acervo: Roteiros de Visita** disponibiliza outras 49 fichas como esta com as quais você terá subsídios para tecer relações entre as obras. As imagens reproduzidas neste material podem ser organizadas em torno de uma idéia construindo um roteiro, ou seja, um caminho através do qual se conta uma história, um elo entre as obras que se intensifica por meio de uma intenção.

Pesquise, dentre as obras disponíveis, quais conexões podem ser estabelecidas, considerando o seu planejamento pedagógico e a realidade do seu grupo de alunos.

A equipe de educadores do MAC USP sugere alguns indicativos de roteiros. Observe que há diversas maneiras de conduzi-los e você pode explorar as obras desta coleção agrupando-as segundo vários critérios:

- aspectos formais;
- propostas conceituais;
- períodos históricos (Ditadura Militar, a década de 1980, século XXI etc);
- movimentos artísticos (Cubismo, Futurismo, Surrealismo, Abstracionismo etc);
- linguagens plásticas (pintura, grafite, assemblage, escultura, objeto, instalação etc);
- gêneros artísticos (retrato, auto-retrato, figura humana, paisagem, natureza-morta);
- temática (arte e política, masculino e feminino, abstração e figuração, moderno e contemporâneo, mestres e alunos, arte e meio ambiente, arte e tecnologia, objetos do cotidiano, artistas mulheres, relações entre as artes visuais e outras linguagens artísticas etc);
- interesses dos alunos;
- temas transversais.

Essas são algumas possibilidades, você pode descobrir muitas outras!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Aracy. *Alfredo Volpi: pintura (1914-1972)*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1972.

_____. (cord.). *Arte Construtiva no Brasil. Coleção Adolfo Leirner*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1998.

ARAÚJO, Olívio Tavares de. *Volpi: a visão essencial*. Campinas: Museu de Arte Contemporânea de Campinas, 1976.

_____. *Volpi 90 anos*. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1986.

BRITO, Ronaldo. *Neoconcretismo: Vértice e Ruptura do Projeto Construtivo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

CHIARELLI, Tadeu. *Arte Internacional Brasileira*. São Paulo: Lemos, 1999.

Coleção MAC Collection. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. São Paulo: Comunique, 2003.

FRANCOIO, Maria Angela Serri. *Museu de Arte e Ação Educativa: Proposta de uma Metodologia Lúdica*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2000.

LOURENÇO, Maria Cecília F. *Operários da Modernidade*. São Paulo: Hucitec / Edusp, 1995.

MAMMÌ, Lorenzo. *Volpi*. São Paulo: Cosac & Naif, 1999.

MAYER, Ralph. *Materiales y técnicas del arte*. Madrid: Hermann Blume, 1985.

MOTTA, Edson e SALGADO, Maria Luiza Guimarães. *Iniciação à pintura*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1976.

PEDROSA, Mário. *Dos Murais de Portinari aos Espaços de Brasília*. São Paulo: Perspectiva, 1981. *Perfil de um acervo - MAC USP*. São Paulo: Editora Ex Libris, 1988.

SMITH, Ray. *The artist's handbook*. London: Dorling Kindersley Limited, 1987.

Tradição e Ruptura. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1984.

ZANINI, Walter (org.). *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. (2v).

_____. *A Arte no Brasil nas Décadas de 1930-40. O Grupo Santa Helena*. São Paulo: Nobel / Edusp, 1991.

_____. *O Grupo Santa Helena*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1995.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor • Adolpho José Melfi

Vice-Reitor • Hélio Nogueira da Cruz

Pró-Reitora de Graduação • Sônia Teresinha de Sousa Penin

Pró-Reitora de Pós-Graduação • Suely Vilela

Pró-Reitor de Pesquisa • Luiz Nunes de Oliveira

Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária • Adilson Avansi de Abreu

Secretária Geral • Nina Beatriz Stocco Ranieri

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Diretora • Elza Ajzenberg

Vice-Diretor • Kabengele Munanga

Divisão Técnico-Científica de Acervo • Ariane Soeli Lavezzo

Divisão Administrativa • Paulo Roberto Amaral Barbosa

Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio (suplente)

Divisão de Pesquisa em Arte - Teoria e Crítica • Helouise Costa

Biblioteca Lourival Gomes Machado • Lauci Bortoluci

Acervo • Roteiros de Visita

Apoio • Fundação Vitae

Concepção e Realização • Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte

Educadores MAC USP • Christiana Moraes; Evandro Carlos Nicolau; Maria Angela Serri Francoio; Renata Sant'Anna de Godoy Pereira; Sylvio da Cunha Coutinho.

Coordenação Geral • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio

Consultora em Educação • Heloisa Margarido Sales

Textos de Contextualização e Leitura de Obras • Inform art Arte & design Ltda Vinício Frezza (coord.); Marco Antonio de Andrade; Silvana Brunelli e Sérgio Moraes Bonilha (assistente de pesquisa).

Pesquisa Adicional, Adequação e Revisão dos Textos • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio.

Projeto Inicial • Maria Helena Pires Martins e Sylvio da Cunha Coutinho

Secretária • Glória Araújo Antunes

Colaboradores • Anderson Cavalcante Rei (estagiário-monitor);

Claudinei Roberto da Silva (estagiário-monitor); Eveline Maria P. da Silva (bolsista COSEAS); Flora Tosca A. A. Pescarini; Julio César de S. Reis (bolsista Cnpq Pibic); Karin Priscilla de Lima (estagiária-monitora); Leonardo Aparecido Mendonça T. Severiano (bolsista COSEAS);

Marcela Vieira (bolsista COSEAS); Renê Miguel da Trindade (bolsista COSEAS); Sérgio Hannemann (bolsista COSEAS); Soraya Valto Braz (bolsista COSEAS);

Agradecimentos Especiais • Heloisa Margarido Sales; Claudinei Roberto da Silva; Marcela Vieira; Soraya Valto Brás e Christiane Suplicy T. Curioni.

Projeto Gráfico • Elaine Maziero

Arte Final • Carla C. do Carmo

Impressão • Augusto Associados

2004 • MAC USP • Rua da Reitoria, 160

05508-900 • Cidade Universitária • São Paulo • SP

Email: educativo-roteiros@usp.br

APOIO:

